

AMAMENTAÇÃO: UM HÍBRIDO NATUREZA-CULTURA

João Aprígio Guerra de Almeida*
Romeu Gomes**

ALMEIDA, J.A.G.de; GOMES, R. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 3, p. 71-76, julho 1998.

Este artigo consiste num ensaio que objetiva, a partir de uma revisão bibliográfica, discutir a relação entre a proposição de Bruno Latour sobre natureza-cultura e o aleitamento materno. Em torno desta proposição, tendo como referência uma visão epistemológica, procura-se estabelecer diálogo com diferentes obras no sentido de contribuir para o aprofundamento do assunto no âmbito da saúde pública. Inicialmente, o paradoxo do desmame é situado no cenário dos conhecimentos e das práticas do aleitamento materno. A análise segue voltada para as relações natureza-ciência e cultura-sociedade presentes no interior da amamentação. Finalmente, a discussão se encaminha para o lidar com o aleitamento materno, enquanto um híbrido entre natureza e cultura, apontando novo questionamento para a continuidade do debate sobre a temática em questão.

UNITERMOS: aleitamento materno, natureza-cultura, epistemologia, saúde Pública

INTRODUÇÃO

O paradoxo do desmame constitui-se no objeto deste ensaio, que traz como pressuposto o fato de o aleitamento materno ser formado por um tecido inteiriço que interliga natureza-cultura, em suas múltiplas formas de abordagem. Assim, parafraseando o que propõe LATOUR¹⁰, parte-se do princípio de que o termo aleitamento materno designa dois conjuntos de práticas totalmente distintas. O primeiro conjunto cria, por tradução, os híbridos entre natureza e cultura que se configuram em torno da amamentação. O segundo cria, por purificação, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, que coloca, de um lado, as questões relacionadas à ciência e, de outro, as que se relacionam à sociedade. O primeiro conecta, através de um fio contínuo, a psicofisiologia da lactação; os mitos; as estratégias científicas; a política estatal de promoção da amamentação; as ONGs; o crescimento e desenvolvimento do lactente; a mulher-mãe; os profissionais de saúde; a indústria de laticínios; enfim, todas as questões plurais que permeiam o aleitamento materno. O segundo, tende a estabelecer uma partição entre o que pertence à natureza e à cultura, através do exercício da crítica. Nesse sentido, a construção das possíveis “verdades” na busca do conhecimento, dito eficiente, dependerá da capacidade de se retraçar a rede sócio-técnico-científica, que se estabelece em torno da amamentação, levando-se simultaneamente em

consideração as leis transcendentais e as imanentes.

Metodologicamente, este estudo, a partir de uma revisão bibliográfica, tem como eixo de discussão a relação entre a proposição de LATOUR¹⁰ sobre natureza-cultura e o aleitamento materno. Em torno desta proposição, tendo como referência uma visão epistemológica, procura-se estabelecer diálogo com diferentes obras no sentido de contribuir para o aprofundamento da temática em questão no âmbito da saúde pública.

AMAMENTAR, POR QUE?

O lidar com a promoção do aleitamento materno, em um cenário de saúde pública como o que se configura hoje no Brasil, assume um contorno de razoável complexidade. A depender da semiótica sob a qual o tema é focado, emergem questões, em princípio passíveis de serem consideradas como singulares, mas que ao se transformarem em objeto de reflexão revelam a pluralidade que permeia o tema. Tal fato pode ser facilmente comprovado, mediante uma incursão pela literatura no intuito de responder a uma indagação básica: amamentar, por que? O conhecimento científico oferece respostas de amplo espectro, que vão desde propriedades biológicas ímpares do leite até questões de cunho sócio-econômico. Estas respostas trazem consigo uma curiosa unanimidade: o fato de apresentarem contornos que as tornam

* Banco de Leite, Instituto Fernandes Figueira, FIOCRUZ, Av. Rui Barbosa, 716, 1º andar, Rio de Janeiro, RJ, 22250-020, Brasil

** Coordenação da Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher, Departamento de Ensino, Instituto Fernandes Figueira, FIOCRUZ, Av. Rui Barbosa, 716, 5º andar, Rio de Janeiro, RJ, 22250-020, Brasil

agrupáveis, como partícipes de uma mesma trama, delineando uma rede que passa da psicoprofilaxia gestação-parto-puerpério à estrutura molecular das imunoglobulinas do leite humano, à ecologia microbiana, ao crescimento e desenvolvimento, aos Bancos de Leite, ao apego, ao vírus da AIDS, à política estatal, aos direitos da mulher, à propaganda de leite não-humano, aos mitos e a vários outros aspectos, que normalmente são reunidos em torno das vantagens que a amamentação oportuniza para criança, mulher, família e estado.

Os aspectos relacionados à criança constituem-se, sem sombra de dúvidas, nos mais difundidos, por terem sido amplamente utilizados nas campanhas oficiais de promoção da amamentação^{7,8}. As vantagens da amamentação, focadas sob este prisma, podem ser facilmente resumidas no fato do leite humano conter todos os nutrientes em qualidade e quantidade necessárias a propiciar um desenvolvimento adequado para o lactente. Ou seja, por não ter mais nem menos, mas sim, a exata quantidade que a criança necessita. Esta assertiva permite desvincular a promoção da amamentação da idéia de programa de nutrição alternativa para população de baixa renda, onde a prevenção de doenças carenciais se faz mais importante, a exemplo do que ocorre com a desnutrição proteico-energética. Prover os lactentes com nutrientes adequados, quali-quantitativamente, significa também prevenir os males decorrentes da superalimentação, tão comuns nas comunidades ricas e que se refletem como sérios agravos na adultice, como a obesidade e as intercorrências cardiovasculares. Assim, o aleitamento materno pode ser visto como uma ação capaz de minimizar, no futuro, os efeitos nocivos sobre a saúde do lactente¹. Neste mesmo grupo, inclui-se uma outra questão que merece destaque, a que diz respeito aos estudos que evidenciam a relação entre a amamentação e o desenvolvimento do *Q.I.*, denotando maiores índices para crianças amamentadas¹¹.

Para a mulher, a amamentação traz vantagens por favorecer a recuperação pós-parto, contribuindo para a involução uterina e diminuição do sangramento¹⁶. Vários autores, a exemplo de KING⁹, reconhecem o efeito contraceptivo do aleitamento, quando praticado em regime de livre demanda e destacam-no como importante fator para aumentar o espaçamento entre gestações. Apesar de não se constituir em um meio de prevenção do câncer, estudos têm demonstrado uma menor incidência entre mulheres que amamentaram⁶.

Alguns trabalhos vêm destacando o papel do aleitamento materno como elemento agregador, capaz de favorecer a nucleação da família. Ao buscar uma correlação entre aleitamento e violência, estudos, como o de MONSON et al.¹³ têm demonstrado a ocorrência de menores índices de violência em núcleos familiares onde a prática da amamentação é francamente instituída.

Outra importante vantagem para a família, principalmente nos dias de hoje, diz respeito aos aspectos econômicos. A substituição do seio materno pela alternativa de menor custo, na cidade do Rio de Janeiro, demanda o dispêndio médio de US\$ 43,00 / mês ao longo do primeiro ano de vida do bebê. Este valor representa apenas o custo direto, necessário à compra do alimento alternativo. Em contraponto, a criança que mama no peito necessita apenas de 5 % do salário mínimo para suprir todas as suas necessidades vitais³.

Em relação ao estado, pode-se centrar o foco em dois grandes aspectos: saúde e economia. A adoção de políticas de promoção e apoio a amamentação se configura em uma estratégia supletiva de saúde pública, cuja eficácia foi comprovada em diferentes sociedades, com diferentes graus de complexidade e desenvolvimento. Os resultados positivos emergem do singular, centrando-se inicialmente na figura da criança e da mulher, em decorrência da melhora individual do estado de saúde. O primeiro impacto sobre a coletividade resulta da somatória dos ganhos individuais que, ao interagirem cinergicamente em um segundo momento, resultam em benefícios plurais para a sociedade¹². Assim, quando se pensa em aleitamento pela semiótica de oportunizar uma nutrição adequada para a criança, obrigatoriamente tem-se que pensar não apenas na construção de uma geração mais saudável, mas também em uma geração com maior potencial intelectual e, conseqüentemente, há de se esperar que este movimento resulte em um estado-nação mais digno no futuro.

No que tange à economia, atualmente, estima-se que o Brasil não realiza algo em torno de trezentos milhões de litros de leite humano por ano, em decorrência do desmame precoce. Para efeitos comparativos, considerando os preços praticados na cidade do Rio de Janeiro em março de 1994, a reposição deste volume com leite tipo C demandaria algo em torno de US\$ 208.000.000. Caso a opção fosse pelo leite em pó de menor custo, disponível no mercado à mesma época, este valor subiria para US\$ 300.000.000³. Este fato torna-se ainda mais grave, ao se considerar que o País não dispõe de uma bacia leiteira com capacidade de suportar quantitativamente esta demanda e nem de um parque industrial, capaz de atender qualitativamente as especificidades que se configuram em decorrência de práticas inapropriadas de desmame¹². Assim, abre-se um importante espaço para as importações e, conseqüentemente, para a perda de divisas.

Apesar de todas estas vantagens, demonstradas com contundência pela comunidade científica, a prática da amamentação natural tende a um franco declínio¹². Como explicar este paradoxo? Por que a sociedade tende a abandonar uma prática que traz múltiplos benefícios e se mostra inigualável na alimentação de lactentes.

À medida em que a ciência avança e descobre as peculiaridades fisiológicas do metabolismo do lactente, interrelacionando-as com as propriedades ímpares oportunistas pelo leite humano², curiosamente observa-se uma tendência de queda na amamentação. Em paralelo, várias pesquisas têm sido desenvolvidas no intuito de desvendar as razões que justificam esta tendência. Como resultado, surgem inúmeras “verdades” que conferem ao desmame um caráter de fenômeno multicausal.

ORLANDI¹⁷ aponta como um dos fatores do declínio do aleitamento materno as mudanças da estrutura familiar na sociedade moderna urbana. Reforçando esse pensamento, o autor argumenta que a jovem mãe “*não tem mais o apoio, a ajuda e o incentivo dos parentes mais velhos (avós, tias, irmãs, etc.), elementos facilitadores do aleitamento materno*” (p. 124).

Uma questão relacionada à capacidade de se refletir sobre o tema emerge em meio a tantas indagações que surgem. Por que a ciência, que se mostra tão capaz para descobrir as superioridades da amamentação e para justificar os insucessos de tal prática, não apresenta a mesma competência na construção de um caminho que leve a reversão do desmame? De que ciência está se falando? De uma ciência que constrói o saber com o rigor do método¹⁸, mas que não consegue descobrir alternativas para aplicá-lo no cotidiano. Contudo, vale também considerar se o problema do desmame deve ser visto e tratado como propriedade exclusiva da ciência, ou seja, como um problema de falta de conhecimento eficiente.

Outro aspecto que ajuda entender a lógica do desmame se remete ao fato de que nem sempre a sociedade tem facilitado a prática do aleitamento materno. Em relação a isto, observa REA¹⁹:

“Importante é frisarmos que a sociedade não tem se aparelhado para favorecer à mulher o exercício da amamentação. Pelo contrário, ao mesmo tempo que a culpabiliza por não amamentar, interfere bruscamente sobre o parto com procedimentos cirúrgicos ou medicamentos; cria estruturas hospitalares antiaproximação mãe-bebê; não cria ou não respeita leis trabalhistas para o amparo à maternidade; libera as companhias produtoras de substitutos do leite materno de qualquer compromisso ético quanto à propaganda de seus produtos; e, a nível de ambulatório de saúde, não capacita seus profissionais para darem o apoio e terem conhecimentos necessários para aconselhar a mãe que amamenta.” (p. 276)

As discussões que giram em torno do paradoxo do desmame continuam presentes nas agendas da saúde pública. No sentido de contribuir para um aprofundamento

dessas discussões, segue uma análise de aspectos que estão presentes no interior dos conhecimentos e das práticas relacionados ao aleitamento materno. Desvendando esses aspectos, pode-se, de um lado, compreender a lógica do paradoxo mencionado e, de outro, descobrir novos eixos de discussão sobre a temática em questão.

A TRANSCENDÊNCIA (NATUREZA/CIÊNCIA)

A preocupação em se reverter o desmame precoce, figura como uma constante para todos os que trabalham com a promoção da amamentação natural. No Brasil, onde desde 1981 se desenvolve o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno, o desmame tem sido objeto de fóruns variados, pesquisas, publicações e atividades de capacitação de recursos humanos, em diferentes níveis de complexidade^{12,13}. Ao longo desta trajetória, alguns pressupostos foram assumidos neste empreendimento, equivocadamente, quase que de forma axiomática.

A citação de Fredmam *apud* REGO²⁰ - “... *na arte de amamentar mais vale um bom par de mamas do que os hemisférios cerebrais do mais douto profess*” - pode ser perfeitamente utilizada como exemplo para traduzir a essência da diretriz que norteou a grande maioria das atividades de capacitação de recursos humanos, ao longo da década de oitenta, no País. Esta tônica era reforçada no material instrucional, através de acertivas do tipo: *O ser humano é o único mamífero que separa a cria da mãe após o nascimento*¹⁵. Esta visão biologiza a questão e a reduz ao mundo natural dos mamíferos. Isto simplifica em muito a abordagem do problema, pois permite tratá-lo como algo que se relaciona exclusivamente ao binômio mãe-filho. Assim, um ato instintivo, inato e biológico, pertence à mãe, mamífera, que detém a responsabilidade sobre a saúde de sua cria. Isto inclusive valeu um “slogan”, que ficou muito conhecido na primeira metade da década de oitenta: *“A saúde de seu filho depende de você, amamente”*⁷. Mais do que responsabilizar, este tipo de abordagem culpabiliza a mulher⁴.

O dicionário da língua portuguesa define mamífero como *que tem mamas; animais vertebrados caracterizados pela presença de glândulas mamárias nas fêmeas,...*⁵. Por sua vez, os compêndios de biologia referem-se aos mamíferos como seres que mamam e que dependem da amamentação na primeira fase da vida, como um fator de sobrevivência. Sob este foco, o das leis transcendentais, como considerar o paradoxo do homem no reino natural: um mamífero que necessariamente não mama. A amamentação, considerada como instintiva, natural e biológica para os

mamíferos, passa a ser facultativa para o homem. O que existe de tão diferente entre os homens e os demais mamíferos que possibilitou esta adaptação? Esta assimetria entre humanos e mamíferos precisa ser melhor considerada ao se discutir o aleitamento materno, caso contrário, tender-se-á sempre ao reducionismo biológico.

A IMANÊNCIA (CULTURA/SOCIEDADE)

O Brasil tem vivido nos últimos anos um grande movimento de retomada da consciência social, em favor do combate a fome e a miséria. A mídia passou a inundar o cotidiano do cidadão, com informações até então disponíveis somente para o meio científico. Indicadores sobre a infância brasileira, que revelam elevadas taxas de mortalidade, como morbidade e desnutrição proteico-energética, deixaram a exclusividade da academia e passaram a ser amplamente discutidos nos mais diferentes segmentos sociais.

Em meio a todos estes índices, a fome, entre as crianças nos seis primeiros meses de vida, emerge como um outro triste paradoxo. Como entender que há fome entre lactentes, em uma nação que desperdiça algo em torno de três centenas de milhões de litros de leite humano por ano. Fome e desperdício. Desperdício antes de tudo de oportunidade de amamentar o próprio filho. Não seria esta uma questão de cidadania? Uma primeira aproximação ao tema, sugere que o direito de ser aleitado ao seio materno pode e deve ser visto como um dos primeiros direitos de um cidadão.

A amamentação vista enquanto fato social tem a sua história, que se insere em uma história ainda maior: a da maternidade. Tentar focá-la sem esta contextualização, trata-se de retórica, semiótica ou de uma estratégia textual para fins específicos. Assim, o foco da discussão não pode ficar centrado exclusivamente na criança. A mulher exerce um papel determinante neste processo e não pode ser desconsiderada.

Apesar de ser aceita a importância da mulher para se promover o aleitamento, o campo das políticas de amamentação nem sempre reflete a ótica desse ator social. Nesse sentido, conclui ORLANDI¹⁷:

“Seja como for, os seios, por muito tempo, despertarão um interesse político. Mas é preciso lembrar que eles pertencem às mulheres e que elas não são chamadas a opinar e a decidir na política do aleitamento materno desde o século XVIII. No século XX, os homens continuam cometendo os mesmos erros.”(p. 134)

O contato mãe-filho constitui um dos pressupostos básicos para o sucesso da amamentação. Esta exigência “simples” vem se configurando num dos maiores

obstáculos para a mulher, que tem o papel social de gerar força de trabalho e de cuidar do lar, além de ser impelida a contribuir diretamente com o orçamento familiar. Como compatibilizar esta tripla jornada? As leis imanes, pelas quais a sociedade se pauta, permitem harmonizar maternidade, trabalho no lar e trabalho remunerado? A maternidade precisa e deve ser vista como uma questão de cidadania e o aleitamento materno como um dos atributos que a categorizam.

TRANSCENDÊNCIA X IMANÊNCIA

A abordagem do aleitamento materno como um fenômeno bio-psico-social, certamente não constitui nenhum ineditismo. Os analistas, inclusive, tratam o tema a partir de três repertórios distintos: o biológico, o psicológico e o social. Em verdade, na maioria das vezes, coloca-se o biológico de um lado e funde-se o psicológico ao social, transformando-o em psicossocial. Apesar de se observar um esforço para tratar a amamentação de forma holística e inteiriça, isto nunca passa de retórica, estratégia textual, contextualização ou semiótica, pois em verdade não se consegue conectar, ao mesmo tempo, o biológico ao social, sem reduzir-se nem a uma coisa nem a outra.

A análise crítica de fenômenos relacionados à amamentação, a exemplo do desmame, tende sempre a levar a um distanciamento entre natureza e cultura. Quando se discute as questões biológicas, fundamentadas em teorias cientificamente embasadas, fala-se do “ser biológico” e dos fatos naturalizados, não há aí espaço para a sociedade, nem para o sujeito. Quando se fala do “ser social”, tende-se sempre a desconsiderar a ciência e a técnica em detrimento da cultura. Cada uma destas formas de crítica mostra-se potente em si mesma, mas, por não serem combinadas entre si, corroboram para que se amplie a dicotomia entre o “ser biológico” e o “ser social”, como se fossem “seres” distintos. Assim, vale indagar sobre os significados e as intencionalidades camufladas nesta polarização, que em verdade se originam nas ações e construções dos grupos e da sociedade. Esta polarização pode se configurar num importante demarcador para que a sociedade exerça o seu papel disciplinador sobre a amamentação.

Os mecanismos de controle, exercidos sobre o ato de amamentar, são característicos da sociedade onde ocorre o ato e se constituem num reflexo dos padrões éticos vigentes. Nas sociedades regidas pela exterioridade, certamente a mediação entre a consciência e o ato se dá através da culpa, que junto com a vergonha exerce o controle sobre a ação do indivíduo e imputa responsabilidade. A sociedade atual tende a instituir um novo modelo de mediação do ser consigo mesmo, que

passa a ser exercido pelos meios de comunicação e a normalização do ato de amamentar passa a ser definida pela relação com riscos futuros.

Em resumo, a amamentação deve ser vista como uma categoria híbrida que se constrói a partir de características, atributos e propriedades, definidas tanto pela natureza como pela cultura. Assim, configura-se o fato de que o aleitamento não deve ser tratado pela semiótica exclusivista da transcendência ou da imanência, mas como algo que resulta de fenômenos regidos pelas leis da ciência e dos homens, simultaneamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O LIDAR COM O HÍBRIDO

REA¹⁹, ao se referir à alimentação na escala animal, observa que entre os primatas superiores os filhotes não buscam de uma forma ativa a mama ou até mesmo a mãe. Para que ele sobreviva, é necessário que a mãe leve a mama à sua boca. Para a autora essa relação mãe primata - filhote revela-se como um fato parcialmente reflexo e parcialmente aprendido. Seguindo esse raciocínio, ela conclui que aprender a amamentar para os humanos é uma tarefa bastante complicada, uma vez que ela é historicamente determinada.

NAKANO¹⁴, ao estudar as representações sociais do aleitamento materno em um grupo de mulheres, conclui que a amamentação se manifesta por um sentimento ambíguo e contraditório, oscilando entre o desejo e o fardo. Mesmo as mulheres que vêm o aleitamento como algo biologicamente natural percebem em sua prática limites e sentem necessidade de desenvolverem aprendizagens, evidenciando que o ato de amamentar não é tão instintivo como se pensa.

Em um mundo de circunstâncias pós-modernas, torna-se difícil operar com conceitos que reforcem a separação ciência-sociedade. Como pensar hoje num mundo que independa daquilo que se pense dele. Não se faz mais possível admitir que haja independência entre fato e teoria. Há de se sair do realismo puro, para o realismo histórico. Logo, não há mais como se considerar

a existência de objetos puros e de cientistas neutros. Portanto, a neutralidade científica se traduz hoje como uma questão ética, que por sua vez depende da relação da própria ciência com a natureza, com os cientistas e da interação com a sociedade. Assim, não faz mais sentido lidar com a amamentação natural pela lógica da crítica, da purificação, cujo cerne visa a separação entre ciência e sociedade.

A manutenção da noção de rede, apesar de ampliar o grau de complexidade das formulações, oportuniza uma melhor resolutividade. A título de exemplo, para uma reflexão rápida, vale considerar a seguinte questão: O “marketing” exercido pela indústria em favor de seus produtos, tem de fato o poder de modificar o comportamento do médico? Dentre as mais variadas formas de se responder a esta pergunta, sugere-se uma. Dirija-se ao arquivo médico de um hospital materno-infantil e procure examinar as prescrições alimentares para lactentes, ao longo dos últimos anos. Não raro, será possível observar prescrições de produtos específicos quando o médico opta por um leite em pó. Contudo, a mesma tendência não se faz presente quando a opção se configura no leite de vaca fluido. Nestas situações, trata-se pelo genérico, leite de vaca, sem discriminação de marca, aliás, como deveria ser também na opção pelo leite em pó. Casualidade? Pouco provável. Trata-se de um comportamento passível de ser observado nos registros da grande maioria das instituições que lidam com a saúde de lactentes neste País. Por de trás desta constatação, existem interesses que resultam do desdobramento do confronto do saber médico com a ideologia da indústria. Trata-se, pois, de uma luta sem tréguas pelo domínio de um saber, na qual o poder econômico merece um lugar de destaque.

Por fim, entendendo o aleitamento materno como um híbrido entre natureza e cultura, resta uma última questão. Ao longo da história, a amamentação tem se prestado aos mais diferentes fins. Na mais recente fase da modernidade, a indústria foi a principal beneficiada pela lógica da purificação. Contudo, em plenas circunstâncias pós-modernas, a quem interessa a polarização ciência-sociedade no cenário da amamentação ?

BREAST FEEDING: A HYBRID NATURE-CULTURE

This article consists in an essay that aims, through a review of bibliography, to discuss the relation between a proposal of Bruno Latour about nature-culture and breast feeding. According to his proposal, having as reference an epistemological view, there is an attempt to establish dialogue between different scientific achievements with a view to contribute to the improvement of this subject in the field of public health. Firstly, the paradox of weaning is found in the scenery of knowledge and practices of breast feeding. The analysis is based on the relationship nature-science and culture-society, which are present in the process of breast feeding. Finally, the discussion has the aim of dealing with breast feeding as long as a hybrid between nature and culture, starting a new issue to the continuity in the debate about the thematic in question.

KEY WORDS : *breast feeding, nature-culture, epistemology, public health*

AMAMENTACIÓN: UN HÍBRIDO NATUREZA-CULTURA

Este artículo consiste en un ensayo cuyo objetivo es: a partir de una revisión bibliográfica, discutir la relación entre la proposición de Bruno Latour sobre naturaleza-civilización y amamentación. En torno esta proposición, teniendo como referencia una visión epistemológica, se busca establecer diálogo con diferentes trabajos en el sentido de aportar para profundizar el asunto en el ámbito de la salud pública. Inicialmente, la paradoja para destetar queda en el encenario de los conocimientos y de las prácticas de amamentación. El análisis acompaña las relaciones naturaleza-ciencia y civilización-sociedad presentes en el interior de la amamentación. Para finalizar, la discusión se encamina para el lidiar con la amamentación, mientras un híbrido entre la naturaleza y cultura, apuntando a un nuevo cuestionamiento para la continuidad del debate sobre la temática en cuestión.

TÉRMINOS CLAVES: amamentación, naturaleza-civilización, epistemología, salud pública

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. AKRÉ, J. **Alimentação infantil**: bases fisiológicas. (Infant feeding: the physiological basis). São Paulo: Instituto de Saúde, 1989. 97p.
02. ALMEIDA, J.A.G.; NOVAK, F. R. O leite humano: qualidade e controle. In: JÚNIOR, A. S. **Fisiologia e patologia da lactação**. Natal: Sociedade Brasileira de Mastologia, 1995. Cap.3, p.35-52.
03. CARVALHO, J.F.C.; ALMEIDA, J.A.G.; NOVAK, F.R. A Alimentação do recém-nascido filho de mãe HIV-positivo. **Cadernos do NEPEN**, n.3, p. 1-121, 1994. Edição Especial.
04. COSTA, J.F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 288 p.
05. FERREIRA, A.B.H. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 577 p.
06. HANDY, E.E.; FAUNDES, A.; MARUSSI, E.F.; ALGABA, M.F.; PINOTTI, J. A. Aleitamento materno e câncer de mama. Estudo de caso controle desenvolvido em Campinas - São Paulo. **Revista Brasileira Ginecologia Obstetrícia**, v.5, n.2, p 83-7, 1983.
07. INAN - Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. **Relatório do Programa Nacional de incentivo ao aleitamento materno**. Brasília: Ministério da Saúde, 1987. 78 p.
08. INAN. Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. **Brazilian Breast-feeding Promotion Programme**. Brasília: Gráfica & Editora Independência, 1991. 16p.
09. KING, F.S. **Como ajudar as mães a amamentar**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 1994.
10. LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34 Literatura S/C, 1994. 152p
11. LUCAS, A.; MORLEY, R.; COLE, T.J.; LISTER, G.; LESSON-PAYER, C. Breastmilk and subsequent intelligence quotient in children born preterm. **Lancet**, v. 339, n. 8788, p. 261-264, 1992.
12. MONSON, M.R.R.; BECKER, E.A.; WITTE, E.; ALMEIDA, J.A.G.; FILHO, J.B.L.; TELLES, M.D.G.; GOLDEMBERG, P. **Revisão e avaliação das ações nacionais para implementação do Código Internacional de Comercialização dos Substitutos do Leite Materno**. Brasília-DF: Gráfica Modelo, 1991. 43p.
13. MONSON, M.R.R. **A política de aleitamento materno na década de oitenta no Brasil**. (filme-vídeo). Rio de Janeiro: Núcleo de Vídeo - CICT/FIOCRUZ/MS, 1992. cassete VHS, 35min., color., son.
14. NAKANO, A.N.S. **O aleitamento materno no cotidiano feminino**. Ribeirão Preto, 1996. 159p. Tese(doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
15. NUTES-UFRJ. **Amamentação: vamos recuperar esta prática**. (filme-vídeo). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987. 1 cassete VHS, 17 min. color. son.
16. OMS. Organização Mundial da Saúde. **Proteção, promoção e apoio do aleitamento materno: o papel especial dos serviços materno-infantis**. Genebra: OMS, 1989.
17. ORLANDI, O.V. **Teoria e prática do amor à criança**: introdução à pediatria social no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
18. POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1993.
19. REA, M.F. Aleitamento materno e saúde da mulher: algumas considerações. In: LABRA, M.E. **Mulher, saúde e sociedade no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1989. p.269-276.
20. REGO, J.D. **Aspectos bio-psico-sociais da amamentação**. (filme-vídeo). Rio de Janeiro: Núcleo de Vídeo - CICT/FIOCRUZ/MS, 1992. 1 cassete VHS, 27 min., color., son.